

A dívida externa brasileira.

As considerações presentes estão sendo escritas por quem vive na França, e por quem acaba de voltar de viagem a S. Paulo. Por quem, portanto, se vê obrigado a coordenar duas perspectivas sobre a atualidade. Um dos assuntos destacados pelos media brasileiros é o da dívida externa/ assunto a ser coordenado. Por certo não no sentido pretendido pelos media: "Quantos dólares são devidos a governos e bancos estrangeiros, e como devem e podem ser pagos?". Mas no sentido subentendido: "Quais são os valores, os conhecimentos e os comportamentos que a sociedade brasileira deve ao exterior; e qual a responsabilidade que assumiu ao tê-los emprestado?". A primeira pergunta interessa a economistas e empresários, e serve de pretexto a interesses electorais confessos e inconfessos. A segunda pergunta interessa existencialmente a todos os brasileiros pensantes.

A resposta parece ser óbvia: "Praticamente todos os modelos de conhecimento, de comportamento e de vivência são devidos ao estrangeiro". Toda ciência e tecnologia brasileira, todo pensamento político-social brasileiro, (desde o liberal e conservador, até o católico e marxista), todas as tendências filosóficas e artísticas brasileiras, obedecem a modelos elaborados na Europa e nos Estados Unidos. O brasileiro pensa, age e vive dentro de modelos alheios. Alienação é isto. A dívida externa brasileira é isto. E tal dívida está sendo paga sob forma da incapacidade de adequar os modelos emprestados à realidade vivida. O clima fantasmagórico pervasivo que tanto impressiona o visitante das terras brasileiras é prova do pagamento quotidiano de tal dívida contraída.

Mas a resposta óbvia não satisfaz nem a quem mora no Brasil, nem a quem o visita. Quem mora no Brasil argumentará apontando alguns modelos elaborados no Brasil, (modelos económicos, políticos, artísticos), como prova da emancipação paulatina da dívida contraída, e insistindo na adaptação dos modelos emprestados ao contexto brasileiro. E argumentará também que o Brasil é "ocidental", e que portanto os modelos emprestados são adequados. Que se trata de dívida, não externa, mas interna. Tal argumentação contraditória, nascida do desespero, não convencerá o visitante preocupado com a cena. Seu argumento contra a resposta óbvia será outro:

Os modelos que o Brasil emprestou da Europa e dos Estados Unidos, e os que continua emprestando, (modelos de automóveis, de usinas atômicas, de sistemas económicos e administrativos, de modas, de sociedade, de filosofias, de cultura da massa e da elite), são, todos, modelos ligeiramente ultrapassados e cobrados excessivamente. A Europa e os Estados Unidos, (e ultimamente o Japão), exportam, a preço monetário e existencial excessivo, modelos já gastos. Imperialismo é isto. Mas isto não é tudo. Os modelos exportados a crédito pela Europa e pelos Estados Unidos são produtos de todo um estaremundo, (o "burgues-progressista"), que está perdendo crédito na Europa e nos Estados Unidos.

Estes países estão exportando a crédito coisas nas quais

não mais acreditam. Há crise de confiança na validade dos modelos ocidentais no Ocidente, já que tais modelos tornam a vida dificilmente viável. E é por tais modelos que o brasileiro está endividado.

Trata-se, de tal ponto de vista, de dívida falsa, por contraída com falsos credores, com gente que não crê no que está emprestando; de dívida de mão fé portanto. Nada devo a quem me vendeu gato por lebre. A quem vendeu modelo de automóvel sabendo que isto dificultará minha locomoção, a quem me vendeu sistema administrativo sabendo que isto tornará minha vida insuportável. Por certo: o vendedor argumentará que a culpa é de quem compra. Basta olhar a cena europeia e americana para constatar que os modelos comprados são merda. Mas o argumento é fraco. Os modelos vêm embrulhados em propaganda e publicidade, (em mass media e conversa tecnicamente fiada), que torna a merda invisível. Diante de um árbitro imparcial, (por exemplo diante da história), a dívida brasileira é nula. Em tal processo Hegel pode servir de testemunha.

No entanto, o problema da dívida externa brasileira não estaria resolvido, mesmo se fôr ganho tal processo. Se o credor ameaça falir, e se o devedor, embora falso, depende do credor para sobreviver, nada fica resolvido com suspensão de pagamento. Curiosamente, e sem que os brasileiros estivessem disto concientes, a relação credor-devedor está se invertendo. A Europa e os Estados Unidos estão sofrendo carência de modelos "alternativos", que possam substituir os modelos "progressistas" falidos. E a Europa e os Estados Unidos, em sua busca de tais modelos pós-progressistas, estão ansiosamente perscrutando o Terceiro mundo, afim de descobrir algo aproveitável: cocô de vaca hindu como fonte de energia, organização tribal africana como nova forma de convivência, misticismo Zen como religiosidade alternativa, o mandarinado confuciano como instituição adequada à sociedade robotizada. Os Estados Unidos e a Europa estão tentando vêr se o Brasil poderá pagar os modelos imprestáveis que deve com modelos mais promissores. Não os estão encontrando.

O problema da dívida externa brasileira é pois este: o Brasil importou modelos imprestáveis, e está pagando por eles pelo preço da alienação individual e coletiva. Poderá soldar tal dívida apenas se conseguir elaborar modelos alternativos, e exportá-los para o Ocidente. Destarte o equilíbrio cultural seria estabelecido. Para que isto aconteça, seria preciso que a sociedade brasileira; se torne conciente do problema. Mas, dada a sua alienação, dada a sua adesão aos modelos imprestáveis que está devendo, é pouco provável que tal concientização se faça. Círculo vicioso. E é precisamente tal vício do círculo da dívida externa que impressiona o visitante que procura coordenar a perspectiva brasileira com a europeia.